

E-zine no Ensino Médio Integrado: um dispositivo para livre expressividade e contextualização

E-zine in Integrated High School: free expression and contextualization device

Recebido: 05/08/2022 | Revisado:
09/03/2023 | Aceito: 14/03/2023 |
Publicado: 30/10/2023

Diego Dutra Silva

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-6176-8352>

Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Sul de Minas Gerais
E-mail: diedtr@gmail.com

Jane Piton Serra Sanches

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8876-6566>

Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Sul de Minas Gerais
E-mail: jane.sanches@ifsuldeminas.edu.br

Nathália Luiz De Freitas

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8958-5313>

Instituto Federal Sul De Minas Gerais
E-mail: nathalia.freitas@ifsuldeminas.edu.br

Como citar: SILVA, D. D.; SANCHES, J. P.;
FREITAS, N. L.; E-zine no Ensino Médio
Integrado: um dispositivo para livre
expressividade e contextualização. **Revista
Brasileira da Educação Profissional e
Tecnológica**, [S.l.], v. 2, n. 23, p. 1-19,
e14196, Out. 2023. ISSN 2447-1801.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 Unported License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Resumo

Nossa pesquisa investigou a viabilidade do e-zine como dispositivo pedagógico no ensino médio integrado. Para tanto, retomamos a discussão sobre o dualismo educacional, problematizando a formação praticista que entendemos empobrecedora da expressão subjetiva. Para acompanhar a performance dos e-zines em uma disciplina optativa de Artes vinculada ao EMI do Instituto Federal Sul de Minas Gerais, buscamos agenciar a cartografia esquizoanalítica com a pesquisa participante. Como resultado, os e-zines mostraram-se promotores da liberdade de expressão, contextualização e sensibilidade artística, colaborando com o desenvolvimento da criticidade de seus autores-estudantes. Ao final, geramos elementos para apresentação à banca de defesa de uma sequência didática baseada na confecção de e-zines.

Palavras-chave: Educação Profissional e Tecnológica; Ensino Médio Integrado; Dualismo Educacional; E-zine; Esquizoanálise.

Abstract

Our research investigated the viability of the e-zine as a pedagogical device in integrated high school. Therefore, we retake the discussion on educational dualism, questioning the practical education that we understand impoverish of subjective expression. In order to follow the performance of e-zines in an optional Arts discipline linked to the IHS of the Federal Institute Sul de Minas Gerais, we seek to agencyng schizoanalytic cartography with participatory research. As a result, e-zines proved to be promoters of free speech, contextualization and artistic sensitivity, collaborating with the development of the criticality of their student-authors. At the end, we generated elements for presentation to the defense committee of a didactic sequence based on e-zines.

Keywords: Professional and Technological Education; Integrated High School; Educational Dualism; E-zine; Schizoanalysis.

1 INTRODUÇÃO

O programa de pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (PROFEPT) baseia-se no trabalho como *princípio educativo* e encontra na pesquisa seu *princípio pedagógico*. Visa a produção de conhecimento e o desenvolvimento de produtos educacionais através da realização de pesquisas que integrem o campo científico sistematizado aos saberes inerentes do mundo do trabalho. Por sua vez, os materiais educativos gerados no PROFEPT têm como propósito subsidiar práticas pedagógicas e mediar experiências de aprendizado relacionadas à Educação Profissional e Tecnológica (EPT), tanto em espaços formais quanto não-formais (IFES, 2018).

Comprometida com a formação integrada, a EPT pauta-se pela fusão (relação indissociável) entre as dimensões do trabalho, da ciência e da cultura, enquanto eixos norteadores. De acordo com Machado (2010), estes eixos temáticos buscam superar a antiga oferta na área que se baseava no conceito de “áreas profissionais”, definindo uma nova matriz de interdependência entre os campos do conhecimento humano e o mundo do trabalho.

Orientada para a formação humana em sua plenitude, delineia-se um *princípio ético* na EPT, visto que propostas pedagógicas integradoras podem colaborar com a qualificação do ensino público, promovendo a educação emancipadora, o desenvolvimento da autonomia e do senso crítico dos estudantes, contribuindo para o enfrentamento do dualismo educacional (FRIGOTTO; ARAÚJO, 2015; CIAVATTA; RAMOS, 2011).

Guiados por estes princípios e amparados pelo *ethos* filosófico da Esquizoanálise¹, buscamos, com base no paradigma construtivista (GUBA; LINCOLN, 2002), articular metodologicamente a cartografia esquizoanalítica (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015) com a pesquisa participante (FREIRE, 1981). Por conseguinte, realizamos a presente pesquisa intervenção² em uma disciplina optativa de Artes – composta por turma mista de diferentes faixas etárias e cursos técnicos integrados (informática, administração e eletroeletrônica), ofertada em uma unidade do Instituto Federal IF Sulde Minas. Como objetivo geral, investigamos a viabilidade do *e-zine*³ no EMI enquanto dispositivo para contextualização, livre expressividade, problematização, desenvolvimento da criticidade e da sensibilidade artística de seus autores-estudantes; entre os específicos, buscamos levantar dados sobre a possibilidade de inserção do *e-zine* no EMI; avaliar o acolhimento do *e-zine* como dispositivo pedagógico no EMI; verificar o uso deste dispositivo para a contextualização dos eixos teóricos da EPT e, por fim, elaborar um produto educacional alinhado à educação integrada.

¹ Relacionada ao movimento estudantil francês de maio de 1968 e baseada nas proposições do filósofo Gilles Deleuze e do psicanalista Félix Guattari, a Esquizoanálise apresenta-se como campo de experiências interdisciplinares teórico-prático e ético-estético (HUR, 2021). Sinon.: Filosofia da Diferença; Filosofia da Multiplicidade; Análise Pragmática; Clínica da Diferença; Rizoma-Análise; Análise Micropolítica.

² Pesquisa apreciada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e registrada com o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) nº 33689320.6.0000.8158.

³ Formato de publicação digital correspondente ao fanzine (MAGALHÃES, 1993). Sinon.: fanzine eletrônico; webzine; cyberzine; zine eletrônico; zine virtual; revista eletrônica; e-magazine.

Como resultado, desenvolvemos uma sequência didática baseada na confecção de e-zines. Em virtude de seu estilo multifacetado e sua tessitura através de diferentes formas de linguagem, concluímos que, aplicado no EMI, o e-zine constituiu um potente dispositivo pedagógico, capaz de viabilizar a expressão da subjetividade estudantil, com vias à contextualização, desenvolvimento do senso crítico e da sensibilidade artística.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 DUALISMO EDUCACIONAL E DESIGUALDADE SOCIAL

Para Ciavatta e Ramos (2011), o dualismo na educação brasileira é, ao mesmo tempo, resultado e alicerce da própria desigualdade social; enquanto os filhos da elite destinam-se, via de regra, aos estudos superiores (para posteriormente assumirem funções de mando), os mais pobres só podem contar com uma “preparação imediata para o mercado de trabalho, funcional às exigências produtivas” (CIAVATTA; RAMOS, 2011, p. 28). Assim, o dualismo na educação exprime as contradições e embates da própria luta de classes.

Atualmente, a mera *fusão* entre escola de formação geral e escola de qualificação profissional – desejável enquanto tentativa de união entre ensino e trabalho – assume geral e propositadamente um caráter simplista, reducionista e despreocupado quanto à finalidade e metodologia, sendo pertinente apenas aos interesses capitalísticos. Não que haja oposição à formação técnica ou profissional para o trabalho, mas faz-se necessária uma contundente crítica quanto à educação concebida pela burguesia, entendendo-a como um dos principais promotores da divisão social. O conceito de “escola pública” na conjuntura capitalista, por si só, não é garantidor de permanência dos alunos e equidade entre os mesmos. Supostamente democrática, na realidade, a escola acaba por sustentar as contradições sociais que promete dirimir via qualificação dos alunos. O que se observa, sobre os ditames do capital, é a educação mantenedora do dualismo, em suas múltiplas e sofisticadas formas. Daí deriva a existência de vários tipos de escola, “diferenciadas” de acordo com as classes sociais; uma escola para os abastados e outra para os que precisam se adiantar e trabalhar o quanto antes (DIAS, 2015).

Além da relevante discussão sobre teoria e prática, trabalho intelectual e instrumental, o que está em jogo são as diferentes condições e relações de poder que geram e fazem perpetuar a injustiça social. Lembremo-nos que a dificuldade de se oferecer uma formação profissional ampla e de qualidade está diretamente relacionada à própria necessidade existencial dos alunos mais pobres, que precisam se antecipar ao trabalho para sobreviverem. Segundo Ciavatta e Ramos (2011), o ensino médio profissionalizante figura majoritariamente no ideário nacional apenas como garantidor de ingresso imediato ao mercado de trabalho, impondo-se como alternativa para o ensino superior⁴. A profissionalização na educação ainda é tida

⁴ Embora a formação da classe intelectual nos níveis superiores não escape às contradições capitalistas, pois o que se observa muitas vezes é a formação de intelectuais “especialistas”,

como “função compensatória” e independente de uma formação omnilateral, a despeito da proposição de políticas públicas que buscaram aproximar a educação deste horizonte politécnico.

A reabertura democrática na década de 1980 e os debates em torno de uma nova Constituição possibilitaram que educadores e representantes políticos do campo progressista – baseados nos conceitos de politecnicidade e omnilateralidade – pleiteassem, legislativamente, a associação entre educação e trabalho através da escola unitária. No entanto, estes não puderam impedir a aprovação da Lei nº 9.394/96 (BRASIL, 1996) que, sob o princípio de formar alunos facilmente adaptáveis às incertezas econômicas e técnicas da pós-modernidade, acabou por ampliar a fragmentação da educação profissional, flexibilizando a instrução pública em vários modos (integrado, sequencial e concomitante), tornando-a, por fim, genérica (CIAVATTA; RAMOS, 2011). Como resultado, Frigotto e Araújo (2015) afirmam que a partir dos anos 1990, a chamada “Pedagogia das Competências” assumiu centralidade no campo educacional brasileiro. Amparada pela filosofia pragmatista e visando atender aos interesses imediatos de formação para o mercado de trabalho, esta proposta definiu o utilitarismo praticista como organizador do ensino, contribuindo para o agravamento da fragmentação, e por conseguinte, do dualismo educacional.

Trata-se de uma luta que está para além das regulamentações e concepções governamentais em exercício. Embora a profissionalização dos jovens seja de grande relevância e possa ser compreendida como tentativa de *travessia* para educação integrada, em sua realidade, ainda é submissa aos ditames do economicismo pragmático. Subsumidas às exigências do mercado, pode-se afirmar que nenhuma das perspectivas que determinaram a educação profissional no Brasil tiveram como ponto central o aluno (CIAVATTA; RAMOS, 2011). Dito em outras palavras, faz-se necessário promover projetos e modelos educacionais comprometidos com a formação integral do ser humano e articuladores das dimensões laborais, culturais e técnico-científicas; modelos teórico-práticos, unificadores e humanizadores, capazes de desenvolver as capacidades humanas como fim em si mesmo e não apenas em virtude do capital (SAVIANI, 2007).

Dada sua composição autoral e heterogênea, depreendemos que fanzines e e-zines podem sustentar múltiplas narrativas, bem como a interlocução, contextualização e criticidade de diversos saberes, podendo servir aos propósitos da educação integrada. Particularmente afeito à cibercultura, o e-zine vai ao encontro da juventude hodierna. Neste sentido, quando abordado sobre os saberes afetivos dos mais jovens e suas formas originais de enfrentar a subjugação com novas linguagens e expressões, inclusive a nível político, Guattari e Rolnik (1996) afirmam:

Penso que existem múltiplos componentes de expressão que não passam pela linguagem tal como é fabricada pela escola, pela universidade, pela mídia e por todas as formações de poder. A expressão do corpo, a expressão da graça, a dança, o riso, a vontade de mudar o mundo, de circular, de codificar as coisas de outro modo, são linguagens que não se reduzem a pulsões quantitativas, globais. Constituem a diferença. As gerações jovens, no seu modo de ver,

geralmente desarticulados do complexo contexto societário e promotores de conformidade com os interesses políticos e econômicos dominantes (GRAMSCI, 2011b *apud* DIAS, 2015).

sentir e exprimir, têm cadeias semióticas, sistemas cada vez mais elaborados. Meu avô, quando falava ao telefone, não se sentia à vontade. Eu também não, quando tenho um desses *gadgets* tecnológicos nas mãos. Para garotos de cinco, seis anos de idade isso não é problema (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 277, destaque dos autores).

2.2 O UPGRADE DOS FANZINES

O termo fanzine originou-se da contração entre *fanatic* e *magazine*, refletindo sua origem como uma espécie de “boletim de informações” feito e destinado a fãs de algum campo específico, quer seja artístico, político ou filosófico. As informações contidas em uma edição podem aparecer na forma de poemas, textos, desenhos, imagens e histórias em quadrinhos, sem necessariamente vincularem-se a uma temática central (MAGALHÃES, 1993).

Magalhães (1993) o define como “uma publicação alternativa e amadora, geralmente de pequena tiragem e impressa artesanalmente” (MAGALHÃES, 1993, p. 9). Dada sua efemeridade e marginalidade, torna-se um espaço para livre circulação de ideias, denotando seu caráter libertário. Segundo este autor, “os fanzines são veículos amplamente livres de censura. Neles seus autores divulgam o que querem, pois não estão preocupados com grandes tiragens nem com lucro; portanto, sem as amarras do mercado editorial e de vendas crescentes” (MAGALHÃES, 1993, p. 10).

Graças a sua versatilidade e baixo custo de produção, o fanzine pode ser empregado em diferentes contextos. Sua aplicação no campo da terapia ocupacional, por exemplo, tem se mostrado profícua, como demonstrado através de pesquisa-intervenção com jovens periféricos em situação de vulnerabilidade social, desenvolvida por docentes do departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos (LOPES; BORBA; MONZELI, 2013), ou junto de presidiários reeducandos em instituição prisional, como demonstrado pelos discentes do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (BEZERRA; SANTOS, 2017).

Quanto ao campo da educação, observa-se poucas publicações sobre experiências pedagógicas envolvendo fanzines. No entanto, destaca-se a monografia de Pinto (2020), que também aponta como essa estratégia de aprendizagem tem margeado o ambiente escolar. Apesar dessa escassez, a monografia citada compila variadas experiências com fanzines, em contextos de pós-graduação, cursinhos pré-vestibulares, Ensino Básico e Médio; coletadas em algumas escolas de São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e do Piauí. Tratam-se de experiências que favoreceram componentes curriculares como Língua Portuguesa, Geografia e Educação Física (área de atuação do autor), através de oficinas de produção imagética e textual que promoveram a alfabetização e a literatura. O trabalho com os fanzines disparou nos alunos sentimentos de maior pertencimento à comunidade escolar, promoveu a cidadania e a autonomia dos mesmos em relação à aprendizagem, afetando inclusive projetos político-pedagógicos (PINTO, 2020).

Quer seja na Terapia Ocupacional ou no campo da Educação, os autores constataram que a aplicação do fanzine como ferramenta de comunicação simbólica e artística amplificou a expressão de ideias, estimulou a criatividade e a autonomia, propiciou visibilidade aos participantes, possibilitou acesso à informação e engendrou diálogos via problematização das noções de cidadania, direitos e deveres; impactando positivamente a sociabilidade e o constructo identitário dos envolvidos no processo, a exemplo do que afirmam Bezerra e Santos (2017): “o fanzine promoveu a percepção dos participantes como sujeitos autônomos, capazes de participar ativamente na construção de subjetividades e de estreitar as relações de convivência entre eles, tornando o espaço prisional menos hostil” (BEZERRA; SANTOS, 2017, p. 424).

Segundo Magalhães (2003), com o avanço tecnológico, alguns *fanzineiros* passaram a testar diversas técnicas de confecção, valendo-se inicialmente de experimentações com videocassetes, gravadores de áudio e vídeo. O advento dos computadores e ampliação do acesso à internet permitiu que diversos produtores independentes explorassem as novas possibilidades digitais, o que deu origem ao *e-zine*. A digitalização favoreceu a produção artística, aprimorando a inserção de cores, garantindo a inclusão de hiperlinks⁵ e promovendo edições mais elaboradas, assim como projetos mais consistentes, além de facilitar sua difusão. Magalhães (2003) afirma que “o computador logo deixou de ser apenas um instrumento para a produção dos fanzines e se tornou seu próprio veículo” (MAGALHÃES, 2003, p. 4).

Diante dessas considerações, reconhecemos que o e-zine pode servir como material educativo, ou nas palavras de Kaplún (2003), servir como “um objeto que facilita a experiência de aprendizado” (KAPLÚN, 2003, p. 46). Sobretudo, para nosso projeto, embasado nos princípios da educação integrada, interessou-nos seu potencial para expressividade e contextualização, uma vez que este dispositivo informacional e tecnológico permite as mais variadas composições subjetivas, dando vazão à criatividade e ao arcabouço teórico-prático de seus autores-estudantes.

3 PROCESSOS METODOLÓGICOS

A pesquisa científica tem sido marcada pela hegemonia do paradigma positivista (principalmente de enfoque quantitativo), que Guba e Lincoln (2002) problematizam como “perspectiva herdada” das ciências duras.

Historicamente, a ciência colocou uma grande ênfase na quantificação. A matemática tem sido considerada a ‘rainha das ciências’, e aquelas ciências, como a física e a química, que se prestam particularmente à quantificação, geralmente são reconhecidas como ‘ciências duras’. Em contraste, disciplinas menos quantificáveis, como a biologia (ainda que tenha mudado de forma muito rápida recentemente) e em particular as ciências sociais, são comumente chamadas de ‘ciências leves’, embora não tanto em um sentido pejorativo, mas para apontar sua (suposta) imprecisão e falta

⁵ Trechos destacados (geralmente sublinhados) em um texto no formato digital que permitem a interconexão com outro conjunto de informações disponíveis na internet (imagens, sons, vídeos, sites, etc.), complementando ou expandindo o conteúdo inicial.

de confiabilidade. Acredita-se comumente que a maturidade científica emerge à medida que o grau de quantificação aumenta dentro de um determinado campo (GUBA; LINCOLN, 2002, p. 114, tradução nossa).

Como decorrência, as metodologias que orientam a pesquisa científica (inclusive no que diz respeito ao campo das Ciências Humanas) geralmente buscam respaldo no modelo representacional⁶. Por este viés epistemológico, cabe ao conhecimento representar a realidade e, portanto, adequar-se a ela. Opondo-se ao dogma do modelo representacional por entender atentar contra o exercício do livre pensamento que busca o inédito, a diferença e o revolucionário, Deleuze (2006) afirma:

A forma da reconhecimento nunca santificou outra coisa que não o reconhecível e o reconhecido, a forma nunca inspirou outra coisa que não fossem conformidades. E se a Filosofia remete a um senso comum como a seu pressuposto implícito, que necessidade tem o senso comum da Filosofia, ele que mostra todos os dias ser capaz de fazer uma Filosofia à sua maneira? Duplo perigo, ruinoso para a Filosofia. [...] como são irrisórias as lutas voluntárias pela reconhecimento. Só há luta sob um senso comum e em torno de valores estabelecidos, luta para obter ou atribuir valores em curso (honras, riquezas, poder). Estranha luta de consciências para a conquista do troféu constituído pela *Cogitatio natura universalis*, troféu da reconhecimento e da representação puras (DELEUZE, 2006, p. 133-134, destaque nosso).

Ora, se o conhecimento produzido em quaisquer práticas relacionadas à EPT (quer seja no âmbito do ensino, da pesquisa ou da extensão) devesse apenas e exclusivamente *reconhecer* a realidade social estratificada e injusta que constatamos, então só faria justificar o próprio dualismo educacional que buscamos confrontar. Logo, para nós, produzir conhecimento não se afigurou como mero reconhecimento, representação ou quantificação da realidade, mas como ação política, posto que enunciados e discursos (especialmente aqueles que se pretendem dominantes porque revestidos de autoridade acadêmica, econômica, científica ou institucional) desencadeiam efeitos sobre a sociedade (GUATTARI; ROLNIK, 1996; PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015). Por isso, amparados pelos pressupostos esquizoanalíticos, recorreremos ao *método cartográfico* para empreender nossa proposta.

Na cartografia esquizoanalítica incide um fazer ético-estético-político no qual a produção de conhecimento é tomada como tentativa de criação da realidade. Muito

⁶ Que segundo Deleuze (2006), escora-se em seis pressupostos: *Cogitatio natura universalis* ("pensar naturalmente"); o ideal do senso comum, o modelo da reconhecimento (reconhecimento pelo senso comum), o elemento da representação, o "negativo" do erro, o privilégio da designação, a modalidade das soluções e o resultado do saber.

mais do que a mera representação do já existente, consiste em um processo de invenção de si e do mundo, fazendo-o expandir⁷. Segundo Hur (2021),

[...] a cartografia pode ser vista como um método. Contudo não um método que se refere à reprodução, redução, ou decalque do real. Funciona muito mais como um mapa que constitui um sistema aberto com múltiplas entradas e saídas, havendo uma conexão e entrelaçamento com o real. Um mapa aberto a seu traçar, à construção de processos. Um sistema a-centrado, não hierárquico e assíncrono. Dessa forma a cartografia é um procedimento que conecta, agencia e que compõe com o real. É um mapeamento que produz a realidade e não meramente a representa (HUR, 2021, p. 278, destaque nosso).

A cartografia não se trata de um procedimento técnico prescritivo ou normativo de classificação de dados. Sua escolha implica, antes de mais nada, em um posicionamento ético-epistemológico que se volta para a multiplicidade das ocorrências em um determinado território, buscando captar as múltiplas intensidades que se dão em virtude dos encontros realizados. Pode ser lida, ainda, como uma estratégia política de produção do conhecimento, de natureza interventora e processual (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015). Particularmente, o diário de campo assume importância basal na cartografia, pois nele se inscreve nosso *envolvimento* com a experiência; fugindo do modelo relatorial comumente encontrado nas pesquisas que se baseia na mera transmissão de informações.

Diferente do método da ciência moderna, a cartografia não visa isolar o objeto de suas articulações históricas nem de suas conexões com o mundo. Ao contrário, o objetivo da cartografia é justamente desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente. Para isso é preciso, num certo nível, se deixar levar por esse campo coletivo de forças (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015, p. 57).

Logo, não procuramos reduzir e classificar o real, mas mapear os agenciamentos que constituem uma processualidade, inclusive aqueles disparados pelo pesquisador ou que o afetaram. Portanto, não se trata de fazer um relatório, mas um *relato*.

Ademais, os resultados gerados pelos participantes de nossa pesquisa são de natureza *qualitativa*, pois dizem respeito à valores e significados atribuídos subjetivamente pelos sujeitos envolvidos na pesquisa, além da dinâmica das relações sociais na contemporaneidade. Visto que os resultados da produção artística são imprevisíveis; que renegamos a pretensa neutralidade no fazer científico; que

⁷ Eis a motivação pelas designações 'autor' quando aludimos aos participantes da pesquisa. A raiz etimológica dessa palavra indica, literalmente, *aquela que faz crescer*, do latim, 'auctor', participio passado de 'augere', que significa *umentar* (FARIA, 1992, p 116).

reconhecemos como imperiosas a responsabilidade e a implicação para com a pesquisa, fez-se necessário um método inventivo de abordagem, justificando nossa adesão ao paradigma construtivista (GUBA; LINCOLN, 2002).

3.1 AGENCIAMENTOS INTER-METODOLÓGICOS

Intentamos constituir a presente pesquisa a partir do agenciamento entre a cartografia e a pesquisa participante. A Esquizoanálise não reconhece a dicotomia absoluta entre teoria e prática, pois considera que teorias representam políticas cognitivas de pensamento e modos de estar no mundo que, necessariamente, resultam em determinadas práticas (GUATARRI; ROLNIK, 1996; PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015). Embasados por este categórico ético, devemos sempre atentarmo-nos para os efeitos desencadeados por nossa escrita, pesquisa e/ou trabalho. Dentre os notáveis educadores que vão ao encontro desse posicionamento compromissado, figura o educador Paulo Freire (1981), patrono da educação brasileira. É célebre a afirmação de Freire sobre a impossibilidade de neutralidade no fazer educacional, considerando que todos são orientados por uma base ideológica, distinguindo-se apenas se ela é inclusiva ou excludente. O mesmo amparou-se em um fazer pedagógico que ao nosso ver, aproxima-se de algumas concepções de Deleuze e Guattari, dada sua atuação em prol do desenvolvimento do pensamento crítico e da emancipação subjetiva dos cidadãos. Também, tanto a cartografia quanto a pesquisa participante – cujo desenvolvimento, Freire (1981) colaborou sobremaneira – podem ser lidas como métodos de pesquisa alinhados ao paradigma construtivista, por considerarem ontologicamente as realidades socialmente constituídas a nível local/regional; valorizarem epistemologicamente a descoberta e criação subjetiva ao longo da pesquisa; e promoverem metodologicamente a interação dialética entre pesquisador e participante (GUBA; LINCOLN, 2002).

No que se refere aos arranjos da pesquisa participante, Freire (1981) oferece algumas orientações. A primeira delas é analisar estudos existentes sobre o tema que se pretende investigar, seguido pela delimitação da pesquisa; definição do espaço físico onde ela ocorrerá; exposição da proposta aos participantes; explicitação detalhada da pesquisa; reunião de membros e representantes entre os participantes para dar encaminhamentos à proposta de trabalho; apresentação dos problemas encontrados no decorrer da pesquisa; coletar opinião de especialistas para ajudar a compreender a situação dos participantes; organizar o projeto em colaboração com os participantes; implementar o projeto e realizar avaliação conjunta do projeto desenvolvido e seus resultados (FREIRE, 1981).

Foi com base na interlocução entre essas estratégias e referências que compusemos as etapas de nossa pesquisa.

3.2 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES

Considerando o aspecto artístico da atividade proposta, nossa pesquisa foi realizada⁸ durante a disciplina optativa de Artes, intitulada “Patrimônio Imaterial na Arte e Cultura Popular – Processos Criativos, Teoria e Prática”. Esta disciplina aborda em sua ementa atividades artísticas e temas relacionados ao patrimônio imaterial; arte e cultura popular no artesanato brasileiro; materiais no artesanato; organização de exposições e eventos artísticos culturais.

Buscando abranger estudantes de diferentes faixas etárias relacionados a diferentes cursos técnicos, justificou-se nossa escolha pela disciplina optativa, que consistia em turma mista, composta por quinze alunos oriundos do 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio, vinculados aos cursos integrados de administração, eletroeletrônica e informática. Esta multiplicidade, reunida em razão do fazer artístico, nos pareceu desde o início ideal, visto que engendraria diversas composições, a partir do trabalho de diferentes alunos com as mais variadas trajetórias; permitindo submeter o e-zine a um “teste de estresse” e contribuindo ao final para avaliação da viabilidade da proposta. Todos os estudantes foram convidados e devidamente informados a respeito das condições, presentes nos Termos de Consentimento.

Por fim, onze alunos aceitaram participar da proposta e dois não conseguiram completar a tarefa. Oito encontravam-se no primeiro ano do Ensino Médio, um no segundo ano e dois no terceiro ano. Mais da metade da turma (seis alunos) estava vinculada ao curso de Administração, três em Eletroeletrônica e dois em Informática. Para os alunos que declinaram, o professor da disciplina ofereceu uma atividade paralela complementar.

3.3 ETAPAS DA PESQUISA

Na primeira etapa, aferimos a possibilidade de inserção do e-zine na prática pedagógica, em consonância com as ementas disciplinares, planos de ensino, avaliações e estratégias usadas pelo professor. Para tanto, analisamos inicialmente os documentos institucionais que abordavam especificamente práticas artísticas no EMI. De acordo com a Matriz Curricular dos cursos, a disciplina de Artes é o *único* espaço regular que prevê composições artísticas ao longo do itinerário formativo. A mesma faz parte do Núcleo de Formação Geral Básico, elencada no campo “Linguagem e suas Tecnologias”. É desenvolvida ao longo de quarenta aulas por ano, durante três anos de formação. O desenvolvimento de atividades artísticas também se dá via “Projetos Interdisciplinares”, que por sua vez, visam integrar as disciplinas técnicas e básicas oferecidas nos cursos do EMI com a disciplina de Artes e demais áreas da *práxis* humana. Logo, o potencial de contextualização dos e-zines permitiu

⁸ Devido o advento da pandemia de coronavírus (SARS-CoV-2), a presente pesquisa sofreu alterações em seu cronograma original, de tal forma que os encontros presenciais só foram realizados após o segundo semestre de 2021. Ao longo dos encontros adotamos os protocolos de biossegurança (BRASIL, 2020) que determinaram os cuidados coletivos e individuais necessários no ambiente educacional, especialmente aqueles que versam sobre distanciamento social, uso de equipamentos de proteção individual como máscaras, uso de ambientes arejados e higienização das mãos com álcool em gel 70%.

alinhar nossa proposta à grade curricular. Uma vez constatada a possibilidade de inserção do e-zine, buscamos articular a realização da pesquisa junto ao professor da disciplina de Artes. Desde o princípio, o professor mostrou-se receptivo, acolhedor e interessado em nossa proposta, contribuindo significativamente com a realização do projeto. Vale destacar que o mesmo trabalha em regime de dedicação exclusiva, possui pós-doutorado e conta com ampla experiência na coordenação de projetos de extensão. Após informar a direção do campus e o professor da disciplina sobre os objetivos do projeto e garantirmos as respectivas anuências, demos prosseguimento às etapas seguintes.

A segunda etapa consistiu no desenvolvimento de um e-zine experimental prototípico que nos permitisse testar os limites deste tipo de publicação. Enquanto o criávamos, tratamos de registrar o percurso realizado, o que permitiu posteriormente elencar algumas técnicas de elaboração. Sua composição assumiu um caráter didático, e constatamos que poderia servir como referencial para os professores que viessem a usar nosso produto educacional, bem como para os alunos que futuramente convocaríamos a compor e-zines. Por isso, o anexamos ao final da **sequência didática**⁹.

Constituindo uma sequência didática piloto a partir dos referenciais teóricos e da construção do e-zine prototípico, procedemos à terceira etapa da pesquisa, que voltou-se para os alunos. Com auxílio e mediação do professor, abordamos os estudantes para apresentarmos-nos, explicando nossos objetivos e os convidando a participar do projeto. A troca de ideias nesta fase foi totalmente sustentada pela oralidade, sem uso de projetores ou equipamentos de mídia, garantindo uma roda de diálogo aberta que permitisse exposições de ideias e questionamentos. Para tanto, fizemos uso de uma aula de cinquenta minutos, aonde expusemos nossa proposta de pesquisa, os eixos temáticos da EPT e as características que conformam os e-zines (como a maioria não conhecia este formato de publicação, o protótipo mostrou-se deveras pertinente para referência). Em seguida, entregamos aos estudantes seus termos de anuência, bem como os termos de consentimento de seus responsáveis legais; informando que a não participação ou deserção ao longo da pesquisa não acarretariam quaisquer ônus ou penalidades, conforme previamente estabelecido com o docente. Por fim compartilhamos nosso contato, no intuito de dirimir quaisquer dúvidas e prestar auxílio ao longo da pesquisa.

Procedemos à confecção dos e-zines na quarta etapa, na qual utilizamos duas aulas de cinquenta minutos, valendo-nos do laboratório de informática. Para facilitar a confecção dos e-zines, constituímos previamente um guia (incorporado à sequência didática) com orientações e técnicas de diagramação, entregue ao professor e disponibilizado com antecedência na plataforma digital utilizada pelos estudantes. Nesta etapa, também colocamos-nos à disposição dos participantes e acompanhamos a elaboração dos e-zines, garantindo-lhes máxima liberdade ao longo da composição. As propostas de modificação por parte dos estudantes e do professor foram sendo dialogadas e incorporadas à sequência didática piloto, aperfeiçoando-a.

Na quinta etapa, concluídos os e-zines, os participantes foram convidados a compartilhar suas produções. Os alunos então se auto-organizaram para apresentação, valendo-se do projetor de mídia presente no laboratório de informática

⁹ Disponível em <https://drive.google.com/file/d/1byEHmqbOo6X1fZaQ8_-WVR1tf9BKzs5p/view?usp=share_link>

e de duas aulas de cinquenta minutos. Sem definição prévia de tempo limite para apresentação, todos tiveram chance de versar sobre suas criações, e assim o fizeram.

Na última etapa da pesquisa, após apresentação e contando com mais uma aula de cinquenta minutos, pudemos dialogar sobre a atividade desenvolvida e avaliá-la junto dos participantes. Para tanto, também coletamos suas opiniões através de questionários individuais semiestruturados e não identificatórios, para garantir sigilo aos entrevistados e fidedignidade às respostas. Assim, a partir dos questionários, do diário de campo e da inferência sobre os e-zines apresentados, pudemos analisar a viabilidade da proposta, gerando dados para subsidiar, e ao final, justificar a apresentação à banca de defesa de um produto educacional baseado na confecção de e-zines.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Finalizada a aplicação em campo, procedemos a síntese interpretativa dos dados. Para o presente artigo, nos ateremos apenas à inferência sumária sobre o conteúdo dos e-zines e às respostas coletadas via questionário.

Ao todo, foram confeccionados sete e-zines¹⁰ pelos onze participantes (dois e-zines foram constituídos em dupla e dois participantes não concluíram seus e-zines). Percebe-se que os mesmos valeram-se da produção artística e da criticidade para relacionar os eixos temáticos da EPT com temas prementes na atualidade. Os títulos dados às publicações e os temas centrais abordados foram: “Anos Luz”, a tecnofobia, a saúde mental e a conformação ideológica; “Presente de Grego”, os primórdios da educação, a influência grega no esporte e na cultura, o trabalho, o desemprego e a esperança; “Style”, astronomia, física quântica, enlutamento e suas fases, ansiedade, pautas LGBTQIA+, legalização do aborto e direitos dos animais; “A Evolução Humana”, sobrecarga escolar, corte de verbas na educação e anticientificismo; “Deu a Louca na Mary Jane”, feminismo e representatividade na cultura pop, especialmente nas HQs; “XYZ”, diferenças e conflitos geracionais hodiernos; “Nona Arte”, origem das HQs, sua marginalidade e histórico de enfrentamento do conservadorismo e da censura.

Por sua vez, os questionários traziam dez perguntas, concebidas tendo em vista a experiência dos estudantes com a atividade, fugindo de um aspecto jornalístico e voltando-se menos para o caráter informacional. Por isso, além das alternativas (sim / não / parcialmente; satisfatório / insatisfatório / mediano; aprova / desaprova / ressalvas, etc.), solicitamos aos alunos partilharem suas opiniões por meio da explicitação justificativa (reproduzidas abaixo na íntegra). Todos os estudantes que haviam concordado com a realização da pesquisa participaram dessa fase, incluindo dois que não completaram a tarefa.

As duas perguntas iniciais (sobre o grau do EMI ao qual estavam vinculados e em qual curso técnico) permitiram caracterizar os estudantes da pesquisa. A terceira questão indagava o conhecimento prévio sobre os e-zines. Apenas um aluno

¹⁰ Disponíveis em <<https://drive.google.com/drive/folders/11ZUCfPPPvEAXTQg-LYnwOBZf7pscYcF6?usp=sharing>>

respondeu que já os conhecia, confirmando o ineditismo deste material para a maioria do grupo.

Na quarta pergunta, os estudantes foram questionados se apreciavam este tipo de publicação. Apenas um deles respondeu “parcialmente”, justificando da seguinte forma: “comecei de forma animada, mas por bloqueio de criatividade não consegui concluir”. Todos os outros alunos responderam positivamente à pergunta. As justificativas nos permitiram elencar três motivos que destacaram o e-zine entre os mesmos: atratividade da proposta, liberdade de expressão que o formato proporciona e seu caráter lúdico.

Atratividade da proposta: “Desde que me foi apresentado os e-zines através deste trabalho, tenho me interessado bastante pelo meio.” / “Porque acho interessante e uma boa forma de se expressar.” / “Eu gostei, não costumo procurar muito esse tipo de entretenimento.” / “É uma publicação muito interessante e intrigante.”

Liberdade de expressão: “Porque posso falar o que bem pensar.” / “É uma maneira muito interessante das pessoas poderem se mostrar e abrir sem ter nenhuma coisa para restringir a publicação da pessoa.” / “Pois posso falar sobre o que eu quiser.”

Ludicidade: “Acho uma forma atual e divertida de abordar um assunto.” / “É uma forma mais dinâmica de se posicionar.” / “Porque é uma forma de se expressar livremente, de modo divertido e virtual.”

Na próxima pergunta, quando questionados se os e-zines eram viáveis para contextualizar diferentes temas, como Trabalho, Educação, Cultura e Ciência, as respostas confirmaram nossa previsão sobre a capacidade de abrangência dos e-zines. As respostas foram unanimemente positivas, justificadas da seguinte forma:

“Porque o formato consegue abordar diversos temas com informalidade.” / “Por ser algo sem censura, o autor dessa revista tem a possibilidade de escrever o que pensa sobre temas livres e polêmicos.” / “Porque pode falar sobre tudo, é muito aberto à vários temas.” / “Independente do assunto, conseguimos observar um pouco da cultura do autor, no que ele acredita e sua relação com o trabalho.” / “Pois abrange diversos temas...” / “Pois as pessoas podem expressar sobre o que elas quiserem no e-zine.” / “Pois posso associar eles aos meus interesses.” / “Sim, é viável. Com tirinhas e outros tipos de arte se relacionando com estes assuntos que estão presentes em TUDO, é viável.” / “Para mim, os e-zines podem abranger qualquer tema do interesse de quem o faz.” / “Fácil de fazer e acessar esses temas, conforme o interesse e abordagem.” / “Os e-zines têm muito a dizer sobre a época em que foram produzidos, o modo de viver, os costumes, etc. E estes temas se incluem nisso.”

Na pergunta seguinte, solicitamos que os estudantes destacassem um ou mais pontos positivos da atividade desenvolvida. Os mesmos apontaram seu aspecto

pedagógico, a possibilidade de desenvolvimento do senso crítico e mais uma vez, a liberdade de expressão que a proposta permitiu:

Aspecto pedagógico: “Conteúdos sérios tratados com informalidade, o que ajuda os adolescentes a compreenderem e se interessarem por diversos conteúdos que normalmente não se interessariam.” / “Uma nova forma de aprender mais interessante e intrigante.” / “Desperta o interesse em fazer pesquisas e falar sobre temas que gostamos.” / “Expressar tudo o que está dentro do imaginário dos adolescentes, além de aprimorar a escrita e o manuseio de ferramentas virtuais.”

Criticidade: “Eles colaboram na estimulação de pensamentos críticos dos alunos.” / “Nos fazem posicionar diante de um certo assunto; incentivo à criatividade; quando compartilhado, por ser engraçado e dinâmico, incentiva outros jovens a fazer o mesmo!”

Liberdade de expressão: “Podemos falar o que queremos, e entendemos.” / “Para poder se expressar.” / “Me faz sentir criativo; o e-zine me deu essa liberdade.” / “É uma boa forma de os alunos falarem sobre algo que gostam e expressar sua opinião.”

Na sétima pergunta, solicitamos que os estudantes destacassem um ou mais pontos negativos da atividade. Apenas um aluno renunciou apontá-los, justificando da seguinte forma: “Acho que não tem um ponto negativo, porque além de educativo pode ser usado para o ‘lazer’”. No entanto, os outros alunos elencaram, no geral, quatro problemas relacionados à atividade com e-zines: a sobrecarga que a mesma acarretou face às outras demandas curriculares; a liberalidade da proposta; preocupações com a inclusão digital (mesma preocupação do professor que será apresentada posteriormente) e o risco do uso enviesado. Abaixo reproduzimos as justificativas:

“É algo demorado para fazer e que pode roubar o tempo de outros trabalhos importantes no EMI.” / “Demanda tempo demais.” / “Ter mais uma tarefa pra ser realizada.” / “O ponto negativo que eu achei, foi sobre ter feito em dupla, onde foi um sufoco demais... mas não tenho o que reclamar do e-zine, pois foi um desafio enorme e ao mesmo tempo legal...” / “A pesquisa e sua montagem podem ser muito cansativos.” / “Trabalhoso e muito liberal.” / “Eu não gostei justamente por ser muito aberto, não sabia sobre o que falar.” / “E-zines são online e nem todos possuem esse luxo...” / “Um ezine pode ser ‘agressivo’ demais e influenciar os alunos de forma errada.”

Ao longo da aplicação, os temas “sobrecarga” e “saúde mental” destacaram-se, respectivamente, nos questionários e no conteúdo dos e-zines. De forma geral, acredita-se que a ocorrência de transtornos mentais como depressão e ansiedade seja de ordem multifatorial, em função de aspectos pessoais (tais como dinâmica familiar, eventos negativos, comorbidades e/ou traços de personalidade), sociodemográficos (variação de acordo com gênero, raça e faixa etária), socioeconômicos (classe social, renda, desemprego) genéticos e/ou neurológicos;

prevalecendo cada vez mais entre crianças e adolescentes do sexo feminino (MELO; SIEBRA; MOREIRA, 2017).

Em relação a nossa proposta, quando do primeiro contato com a turma mista, ao ser apresentado, o professor frisou a função profissional deste mestrandando como psicólogo, o que despertou curiosidade por parte de alguns. Percebemos que a partir desse momento, o tema da Saúde Mental passou a ganhar relevância, engendrando potentes diálogos sobre o cuidado com a saúde ao longo de todos os encontros que tivemos; não apenas em decorrência da presença de um psicólogo em sala de aula, mas sobretudo, em função da própria realidade pandêmica que enfrentamos. Muitos perderam familiares, amigos, renda, emprego e saúde devido às sequelas da COVID.

Outrossim, constata-se em larga escala a hegemonia do modelo pedagógico liberal, promotor do ensino praticista, funcional e utilitarista e, portanto, empobrecedor da subjetividade por não privilegiar experiências culturais criativas e transformadoras (FRIGOTTO; ARAÚJO, 2015); associado às práticas educacionais examinativas que ainda predominam no sistema tradicional de ensino (LUCKESI, 2018), torna-se cada vez menor o espaço destinado à subjetividade, à dimensão emocional e expressiva de estudantes e professores, consonante ao agravamento do quadro mental dos mesmos. Cabe lembrar que, anterior à pandemia de coronavírus, pesquisas recentes já indicavam preocupante crescimento dos níveis de estresse e depressão entre professores brasileiros do ensino fundamental e médio (DIEHL; MARIN, 2016; TOSTES, 2018), bem como de adoecimento mental especificamente entre os alunos do ensino profissionalizante (CAMARGO; CALAIS; SARTORI, 2015).

Os desafios que a situação sanitária impõe sobre a educação brasileira são acrescidos pelo premeditado descaso da atual gestão federal (que se pretende ultraconservadora e neoliberal), desencadeando um retrocesso na área jamais presenciado na história do país (MAGALHÃES et al., 2021), tornando cada vez mais urgentes discussões e ações voltadas para preservação e promoção da saúde mental de estudantes e professores.

Na oitava pergunta, questionamos como os estudantes julgavam o resultado final, tanto de seu trabalho, quanto do apresentado pelos colegas. Dois alunos consideraram a atividade mediada em função de não terem concluído a tarefa: “Não fiz (não terminei o meu, no caso).” / “Eu não fiz.”. Os outros nove alunos julgaram a atividade satisfatória; alguns, em razão das expectativas alcançadas e outros, das possibilidades de expressão que este formato de publicação permitiu.

“Todos os trabalhos demonstraram muito sobre quem os fez; foi legal conhecer todos e fazer o nosso.” / “Achei que foi muito legal, e um desafio enorme.” / “Cumpru minhas expectativas.” / “Pelo trabalho e dificuldades que tive durante a construção do e-zine, foi muito satisfatório terminá-lo e vê-lo pronto.” / “Expressei exatamente o que queria.” / “Achei que todos cumpriram o que prometeram e superaram as expectativas em relação às edições.” / “Gostei de como o meu ficou.” / “Consegui trazer minha opinião, minha arte e minhas ideias para o meu e-zine.” / “Pois escrevi sobre um assunto que há muito queria falar com alguém mas nunca havia tido a oportunidade.”

Na penúltima pergunta, questionamos os estudantes se gostariam de voltar a criar e-zines. Embora tenha apreciado o formato, apenas uma aluna afirmou que não

pretende voltar a trabalhar com este material, justificando da seguinte forma: “Apesar de ser muito legal é muito trabalhoso, inclusive quando faz em dupla como eu fiz, talvez sozinha seja de alguma forma mais fácil, mas é muito trabalhoso o design, ainda mais para uma aluna de instituto federal que não tem tempo para fazer nada rsrsrs.”. Os outros dez alunos dividiram as respostas entre ‘sim’ e ‘talvez’ (mas um não justificou). A maioria inclinou-se à possibilidade de repetir a experiência, mas a atividade foi encarada por alguns como deveras desafiadora.

Sim: “Como eu fiz, em dupla, gostaria de fazer sozinho agora.” / “Seria muito bom abordar outros temas dessa mesma forma.” / “Achei boa a proposta.” / “Pois ainda há muito para falar sobre o meu e-zine.” / “Foi divertido, além de emocionante; ler e buscar informações e ter a liberdade de se posicionar sem limites.”

Talvez: “É algo meio complicado de fazer, eu faria outros mas com mais tempo de intervalo.” / “Talvez eu queira fazer futuramente.” / “Talvez, se me sentir confortável.” / “Apesar de ter gostado muito de criar minha própria revista, é muito trabalhoso.”

Por fim, na última pergunta, perguntamos aos estudantes se aprovavam a aplicação do e-zine como recurso educacional no EMI. Todos os onze participantes assentiram, com as seguintes justificativas:

“Pois, podemos desenvolver o que nós bem entendermos.” / “Ótimo jeito de ensinar de uma forma descontraída.” / “Achei uma boa forma de estimular a criação de textos e a execução de pesquisas.” / “Acho legal artisticamente.” / “É uma maneira de revolucionar a educação.” / “Uma maneira das pessoas se expressarem e entenderem melhor.” / “Os e-zines nos ajudariam a entender o nosso mundo e o mundo individual de cada um.” / “E-zine promoveu Educação, Arte e Ciência; acredito que a possibilidade de mostrar a todos a nossa arte e a arte de pensar é maravilhoso!” / “Acho que é algo que pode interessar aos alunos e ser um bom material para professores”. / “Desde que o professor dê um tema pra se abordar”. / “É muito funcional e educativo.”

Também solicitamos ao professor de Artes que respondesse um questionário semiestruturado. Através das respostas, aferimos que o professor atua em todos os graus do Ensino Médio, com alunos oriundos de vários cursos integrados. Assim como a maioria dos estudantes que participaram da pesquisa, o professor também não conhecia o gênero e-zine.

Questionamos o professor se percebeu engajamento da maioria dos alunos com a atividade proposta. Afirmou que sim, frisando que “alguns alunos não realizaram a atividade por diversos motivos, entretanto, a grande maioria realizou com ótimos resultados e aproveitamentos”. Também considera que os e-zines são viáveis para contextualizar tópicos diversos, como Trabalho, Cultura e Ciência, destacando que “permitem a integração de linguagens e temas diferentes”.

Quanto aos pontos positivos no uso de e-zines no EMI, o professor elencou “motivação para buscar tecnologias e habilidades; liberdade de expressão; motivação para pesquisa e aprendizado autônomo”. Sobre os pontos negativos, adverte que há “programas e ferramentas que podem não estar disponíveis para todos”.

A respeito do resultado final da aplicação, o professor considerou a atividade satisfatória, em decorrência dos “bons resultados apresentados”. Afirmou que gostaria de utilizar futuramente e-zines em sua cátedra, “para trabalhar com temas transversais”.

Por último, questionamos o professor se aprovava o uso da Sequência Didática utilizada, enquanto recurso educacional no EMI. O mesmo afirmou que sim, “porque permite uma boa utilização para diferentes fins”.

Apesar da grande demanda em seu fazer profissional, o professor afirmou-nos também que o conteúdo trabalhado durante a proposta com e-zines abarcou exatamente aqueles que pretendia abordar na disciplina, facilitando-lhe o trabalho. Por fim, destacou na atividade a liberdade de expressão que esta promoveu, contribuindo para a mediação entre estudantes e professores em virtude da partilha de aprendizados e valores em sala.

Foi muito positivo o resultado desta proposta, considerando aquilo que sempre falamos sobre os espaços de liberdade de expressão para os alunos. Até para entendermos um pouco mais do universo deles... Deles trazerem seu universo e suas referências pra gente, porque geralmente fazemos o contrário, nós damos nossas referências para eles, e acaba por não ter muito essa, digamos, troca necessária. Foi um aprendizado fantástico pra mim porque fui me atualizando através desses alunos. Através de suas referências vamos nos atualizando. Caso contrário, a gente vai ficando somente nas referências que já fazem parte do nosso repertório (Professor, avaliação verbal espontânea da atividade).

5 CONCLUSÕES

A educação contextualizada e voltada para a integralidade afasta-se do reducionismo; não privilegia exclusivamente a demanda econômica, mas os interesses sociais, a compreensão sobre nossa trajetória histórica, nossas contradições, conquistas e derrotas; prioriza as pessoas, sua totalidade, sua base social, profissional, científica, histórica e existencial. Parte da premissa de que é preciso oferecer atividades educacionais que ensejam o desenvolvimento das múltiplas capacidades dos estudantes para teorizar, produzir, viver coletivamente e agir de forma autônoma sobre a realidade (FRIGOTTO; ARAÚJO, 2015).

Nesse sentido, apesar das dificuldades encontradas por alguns participantes da pesquisa, sobretudo em razão da sobrecarga curricular cotidiana, dos efeitos da crise sanitária e política, além dos impactos que estas desencadeiam sobre a saúde mental de estudantes e professores, entendemos assegurados os objetivos da presente pesquisa, na medida em que a análise sobre a proposta confirmou o e-zine como potente dispositivo pedagógico, capaz de ampliar as formas de expressão dos

estudantes do EMI, dar visibilidade a suas narrativas e discursos, permitir a contextualização de valores, anseios e temores, bem como a contestação e o posicionamento diante das injustiças e de temas candentes na atualidade, propiciando a contextualização de diversos saberes e contribuindo com o refinamento da criticidade; em prol da autonomia de seus autores, entendidos como cidadãos críticos e livres pensadores.

REFERÊNCIAS

- BEZERRA, W. C.; SANTOS, C. F. **Tecnologias de Intervenção em Terapia Ocupacional Social: reflexões a partir de uma oficina de produção de fanzine no contexto prisional**. Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup. Rio de Janeiro. V.1(3): p. 414-426, 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Lei nº 9394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Protocolo de Biossegurança para Retorno das Atividades nas Instituições Federais de Ensino**. Brasília, 2020.
- CAMARGO, V. C. V.; CALAIS, S. L.; SARTORI, M. M. P. **Estresse, Depressão e Percepção de Suporte Familiar em Estudantes de Educação Profissionalizante**. Estud. psicol. (Campinas), Campinas, v. 32, n. 4, p. 595-604, dez 2015.
- CIAVATTA, M; RAMOS, M. **Ensino Médio e Educação Profissional no Brasil: dualidade e fragmentação**. Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 5, n. 8, p. 27-41, jan./jun. 2011.
- DELEUZE, G. **Diferença e Repetição**. Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. 3ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- DIAS, V. E. M. **A Educação Integrada e a Profissionalização no Ensino Médio**. Tese (Doutorado) em Educação, São Carlos, UFSCar, 2015.
- DIEHL, L.; MARIN, A. H. **Adoecimento Mental em Professores Brasileiros: revisão sistemática da literatura**. Est. Inter. Psicol., Londrina, v. 7, n. 2, p. 64-85, dez 2016.
- FREIRE, P. Criando Métodos de Pesquisa Alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. In: BRANDÃO, C. R. (Org.) **Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, p. 34-41, 1981.
- FRIGOTTO, G.; ARAUJO, R. M. L. **Práticas Pedagógicas e Ensino Integrado**. Revista Educação em Questão. Natal: UFRN, v. 52, n.38. p. 61-80, mai/ago 2015.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 4. ed. Petrópolis: Vozes. 1996.
- GUBA, E.; LINCOLN, Y. Paradigmas en competencia en la investigación cualitativa. In DENMAN, C.; HARO, J. A. (Org.) **Por los Rincónes: Antología de Métodos Cualitativos en la Investigación Social**. Colégio de Sonora; Hermosillo, Sonora, p. 113-145, abr. 2002.

- HUR, D. **Cartografia das Intensidades: pesquisa e método em esquizoanálise**. Práxis Educacional, [S. l.], v. 17, n. 46, p. 275-292, 2021.
- INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO ESPÍRITO SANTO - IFES. **Anexo ao Regulamento Geral do ProfEPT**. 2018.
- KAPLÚN, G. **Material Educativo: a experiência de aprendizado**. Comunicação & Educação, v. 27, p. 46-60, 2003.
- LOPES, R. E.; BORBA, P. L. de O.; MONZELI, G. A. **Expressão Livre de Jovens por Meio do Fanzine: recurso para a terapia ocupacional social**. Saúde soc., São Paulo, v. 22, n. 3, p. 937-948, set 2013.
- LUCKESI, C. C. **Avaliação da Aprendizagem - Cipriano Luckesi - Parte 01**. [Entrevista concedida a] Paulo Camargo. Série Encontros, 26 de setembro de 2018, 21'43". Disponível em: <<https://youtu.be/gW6Ti99KaOQ>>. Acesso em: 9 maio 2022.
- MACHADO, L. R. de S. **Organização da Educação Profissional e Tecnológica por Eixos Tecnológicos**. Linhas Críticas, [S. l.], v. 16, n. 30, p. 89–108, 2010.
- MAGALHÃES, H. **O que é Fanzine**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1º ed; São Paulo, SP, 1993.
- MAGALHÃES, H. **A Mutação Radical dos Fanzines**. Artigo apresentado no XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunica o – BH/MG – 2 a 6 Set 2003.
- MAGALHÃES, J. et al. **Trabalho Docente Sob Fogo Cruzado – volume II**. 1. ed. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2021.
- MELO, A. K.; SIEBRA, A. J.; MOREIRA, V. **Depressão em Adolescentes: Revisão da Literatura e o Lugar da Pesquisa Fenomenológica**. Psicologia: Ciência e Profissão. V. 37, n. 1, p. 18-34, 2017.
- PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L.; (Orgs.). **Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-interven o e produ o de subjetividade** – Porto Alegre: Sulina, 207 p. 2015.
- PINTO, R. D. **Fanzine na Educa o: algumas experiências em sala de aula**. 2º ed. Paraíba: Marca de Fantasia, 2020.
- SAVIANI, D. **Trabalho e Educa o: fundamentos ontológicos e históricos**. Revista Brasileira de Educa o. v. 12, n. 34, p. 152-180, jan./abr. 2007.
- TOSTES, M. V. et al. **Sofrimento Mental de Professores do Ensino Público**. Saúde debate, Rio de Janeiro, v. 42, n. 116, p. 87-99, jan 2018.